



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
GABINETE DO REITOR  
COMISSÃO DA VERDADE

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

**Entrevista realizada em:** 3.5.2013

**Hora:** 16h30min.

**Local:** Sala de reuniões dos Colegiados Superiores

**Entrevistado:** Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade

**Responsável pela transcrição:** Kaline Faria de Araújo (bolsista)

**Carlos Gomes:** Eu acho que uma das coisas que a nossa Comissão vai colocar nas conclusões é solicitar de uma forma bem veemente que a Universidade crie, já que está havendo um *boom* de construções aqui, um local adequado para um arquivo, mas um arquivo para anos, para o futuro. Não é uma salinha estreita ou um depósito. E a reitora me disse que tem um projeto para recuperação da Faculdade de Direito no prédio da Ribeira, até porque já há uma decisão judicial e, além disso, nós temos, claro, as placas dos concluintes. E aquilo ali retrata a história, um tempo, e estão num buraco qualquer, num porão aqui da Universidade, pelo menos do curso de Direito e outros cursos não, eu já tenho visto aí tudo organizado, mas os de Direito, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas jogarem em algum buraco aí. Isso é triste. Não é só a vaidade de ter uma placa, mas ali é um pouco “história”. Eu entendo assim. Muito bem, então, vamos agora, ouvir o doutor Ivis, que é um dos componentes daquela turma, não é? Alguns já vieram aqui, inclusive a turma de Medicina tem nos dado muitas informações interessantes, não é? Parece que a turma foi bem visada naquele tempo. Nós vamos ouvir agora doutor Ivis. Ivis, ele se despoja da condição de membro da Comissão da Verdade e fica aqui como depoente. Então, ele tem a palavra para dar a sua... registra onde ele se situa neste universo.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Bom, eu relutei muito aqui em fazer esse depoimento, professor Carlos Gomes, porque, primeiro, eu acho que não tenho muita

coisa para contar, e segundo, eu já tenho participado aqui, acho que eu sou o maior aparteador. Apenas porque somos mais velhos e conseqüentemente assistimos muita coisa. Mas como testemunhas. É... na realidade, eu não participei do Movimento Estudantil secundarista. Ao entrar na Universidade eu comecei a militar na política universitária, estudantil universitária, cujo foco era a Faculdade de Direito na época. E eu tinha um relacionamento muito grande com o pessoal da Faculdade de Direito, pessoal e que éramos todos Petrópolis, não é? Ribeira ali, aquela... A Universidade nesse tempo era toda lá, não é? Quer dizer, a maior parte era lá. E nós tínhamos esse bom relacionamento. Aqui eu tenho que fazer uma definição ideológica. Eu costumo dizer aos meus amigos que o meu perfil político e ideológico hoje é o mesmo que eu tinha no meio do meu curso de Medicina em 1960. Foi quando eu fui eleito presidente da UEE. E aí, essa informação é importante para explicar porque eu fui eleito presidente da UEE. Eu era estudante de Medicina, no meio do curso, já participando do diretório acadêmico e da própria UEE. E eu era um social-democrata muito ligado ao pessoal do PCB, velho partidão. Mas não era, eu tive até a oportunidade de dizer aqui, alguém que veio aqui e falou, eu fui aluno do cursinho de Marciso, mas não me converti e agora totalmente. Eu nunca fui filiado ao “partidão”, tinha muitos amigos que eram e tinha muitos amigos na então JUC. Que depois evoluiu para Ação Popular. Avançou mais, deixou o “C” de JUC e depois Ação Popular Marxista Lenilista, mas na época era Ação Popular. JUC e em seguida Ação Popular. E aí, como eu, a política universitária brasileira, a UNE, o último presidente do “partidão” foi mais ou menos antes presidente da UEE, antes de eu ser presidente da UEE. E a partir daí, de 1969, todos eram da JUC apoiados pelo “partidão”, como sempre na sombra, por trás. Então era uma frente única que derrubou a “direita” da UNE nesse período até sua extinção. Até depois que eu deixei a UEE e eu já expliquei isso aqui, eu tinha que terminar meu curso de Medicina nos dois últimos anos quando eu terminei meu mandato, que foi de 1960, outubro de 60, era um ano só. Em 61 eu continuei participando só das assembleias, mas em 62, e depois desses dois anos, eu não fiz mais política universitária, porque eu me internei na Maternidade Escola, onde era nosso departamento de ginecologia para concluir meu curso, mas o que eu estava querendo dizer era o seguinte: esta frente, PCB, JUC e AP, derrubaram a direita que dominava a UNE, todos até 1964. No meu ano era um baiano, que é desconhecido, Oliveira Mainais, mas logo em seguida foi Aldo Arantes, que foi deputado federal, não é? Teve Nice Caldeira Branque, José Serra, foi presidente, todo esse pessoal a essa altura já era AP. E durante a minha participação na UEE, nós

tivemos aqui um Congresso Latino-Americano de Estudantes que envolvia duas grandes organizações internacionais, que essas eram divididas a UIE, que era ligada aos partidos “comunistas” e o CLAI, o CLAI era o Congresso, e a COCEC. Então, esta frente única funcionou muito bem no Brasil até o golpe de sessenta e quatro. Então a minha participação foi praticamente muito breve, porque foi, vamos dizer, do segundo até o quinto ano de Medicina, foi muito pouco tempo e esse grupo, que alguns estiveram aqui, foram meus calouros e eu acompanhei, fiz políticas com eles, mas em 1964 eu já não era mais médico e costumo dizer que estava asilado em Açu, mas eu fui para lá antes do golpe. Fui trabalhar num hospital.

**Carlos Gomes:** Você terminou em qual ano?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Eu terminei em 1963. E em sete de janeiro eu fui junto com outro colega Emilio Salem Filho, trabalhar, abrir um hospital da Fundação SESP, que era uma organização que tinha convênio até com o governo americano. Mas era um hospital público. E era uma fundação pública.

[Inaudível]

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Aonde? Não, era um acordo com o governo americano que eles subsidiavam, mas era uma fundação pública brasileira. Serviço Especial de Saúde Pública. Então eu passei dois anos lá, 1964 a 1965. Eu costumo dizer que estava asilado lá, não foi premonição não, mas do ponto de vista político eu não sei se eu teria sido talvez, pelo fato de ter presidido a UNE por praticamente um ano e meio, a UEE, juntamente com a UNE, eu fui, em 1963, em 7 de setembro de 1963, após a renúncia de Jânio. Jango que estava na China, não é? Estava voltando, houve uma tentativa de golpe e Brizola, governador do Rio Grande do Sul, criou a cadeia da legalidade, a frente da legalidade e tal. Machado Lopes que deu o aval e a UNE participou. Logo depois disso, a UNE fez um conselho nacional que era periódico em Porto Alegre em 1961. Obrigado aí pela correção. Que foi quando eu estava na UEE. Então o conselho a UNE, que era periódico, fez um extraordinário no Palácio Piratini. E Brizola dando todo apoio. E então, como eu disse, o fato de eu ter em janeiro ido para o interior, fui mais ou menos esquecido, embora eu não valorize muito a minha participação política. Isso foi um momento como vocês todos sabem de uma efervescência política muito grande. Que veio mais ou menos de 1965, governo Juscelino, não é? 58 e foi crescendo não é? Então era uma efervescência política muito

grande. Revolução Cubana de 59 e então a partir daí. O que eu estou aqui, aqui todo mundo é praticamente cientista político, cientista social ou Historiador, não é? Eu acho que sim. E de Direito também, o que eu estou querendo reforçar aqui, lembrar, que é uma coisa que tem sido pouco discutida aqui. O golpe de 1964, ele foi todo arquitetado pelo departamento de estado da Guerra Fria, todos nós sabemos disso, na época não se falava muito nisso primeiro, porque não se podia falar, segundo porque não havia ainda muita informação. Mas vocês sabem que o embaixador Lincoln veio para o Brasil para isso. E era Kennedy o presidente. Do partido democrata e tinha um glamour muito grande. E isso eu estava me lembrando de referir isso, ouviu Patrícia, porque esse sistema era sofisticadíssimo. Porque foi implantado no governo americano aqui. Essa foi a missão do Lincoln e do Gordon, foi para fazer isso. Estimularam golpes e ditaduras militares, todas não é? Eu não sei até se eu estou minimizando, mas eu acho que a do Uruguai foi um pouco mais e a do Brasil, mas a do Chile e da Argentina foram muito mais sanguinárias que a nossa, Chile. Então o sistema era sofisticadíssimo. Eles sabiam de tudo. E nós não sabíamos, só viemos saber muito tempo depois. Bom, mas voltando aqui ao meu depoimento pessoal, então eu fiquei dois anos em Açu, fui algumas vezes a Pendências, lá eu conheci o pai de Geraldo, o senhor, Chico Queiroz, grande líder lá na terra dele, foi prefeito de lá, mais de uma vez?

**Geraldo Queiroz:** Não. Só uma vez.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Só uma vez, mas a partir daí ele nomeou todo mundo. Nomeou que eu digo, com o prestígio dele elegeram muitos prefeitos de lá. E eu me decepcionei com a prática da Medicina, a falta de resultados da Medicina. E eu tinha um convite do professor Leide Moraes, que era o diretor da Maternidade e chefe do departamento, desde o começo a ficar lá. Durante o tempo em que eu estava em Açu, meu pai me mandou uma carta, que naquele tempo não tinha telefone, não era? Dentro um recorte de jornal, acho que do *Diário de Natal*, com uma convocação, com uma comissão inquérito militar do 16 RI. Não me lembro quem era o presidente da comissão, mas não era o famoso não. O primeiro foi ter sido uma convocação pelo jornal.

**Carlos Gomes:** Convocação nominal?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Não, não. Citando. Convido fulano e fulano. Era a comissão de inquérito para apurar as atividades da União Nacional dos

Estudantes. Eu fui presidente da UEE que era filiada a UNE e participava dos conselhos da UNE. Mas no meio disso aí, quer dizer, entre os não citados, eram poucos, tinham um, José Marcílio Furtado. Meu colega de assembleia, meu conterrâneo. E já a essa altura era vereador, eu acho. Ele foi vereador antes de ser deputado. Nem sei se ainda era Arena, mas era UDN.

**Geraldo Queiroz:** Na Arena ele já foi como deputado.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Isso, já foi como deputado. E ele era uma pessoa conservadora. Já estava dentro da política conservadora. E aí quando vi os nomes... ele foi daquele período que eu citei aqui da UNE, a direita. Foi no pacote. E aí, eu disse: “quer saber de uma coisa? Eu não vou a Natal responder isso”.

**Carlos Gomes:** Então você viu só pelo jornal?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Foi sim. Eu estou certo do ponto de vista jurídico?

**Carlos Gomes:** É não foi intimado. Sabe no que deu isso?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Não, acho que não deu em nada.

**Carlos Gomes:** Então você nunca chegou a ser processado nada?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Não. Nada. Josemar Azevedo me deu uma notícia que ele tem aí um catatau maior que o seu aí, e eu disse que depois quero saber. Não, mas ele tem todas as cópias. Então eu perguntei: “professor, o convite está de pé?” Ele disse que sim. Trabalha de graça por um tempo e depois é contratado. Era uma seleção que não era concurso público. Eu disse: “não, eu venho que eu já não aguento mais lá”. Estava sem estímulo nenhum. E aí eu vim em 1966. E a situação era aquela já falada pelo Geraldo, todo mundo na moita. Na realidade não era um clima de terror. Era uma autocensura, todos nós, agora, era um clima pesado. E havia a espionagem, tinha a ASI, denúncias, esperava-se Geraldo tentar fazer um curso na Europa que... as coisas eram veladas, sutis.

**Carlos Gomes:** Oficialmente não havia nada?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Havia sim. E no Rio Grande do Norte não houve luta armada, como houve retração pela política. A tortura era os pobres,

operários, camponeses. Tortura também em estudantes universitários. Mas não existe tortura maior nem menor, mas ela foi mais seletiva para os operários camponeses. Passa um primeiro momento, os estudantes, meus calouros. Então me tornei professor e não encontrei meus conterrâneos que eram meus grandes amigos. Arruda, Lali, Ginane que foram presos e perderam meses, quase anos do curso. Esses tiveram que fazer uma diáspora. E foram fazer residência fora porque achavam que, do ponto de vista político e de técnicas resolveram fazer carreira fora. E nós perdemos grandes profissionais, grande figuras, e esse foi um efeito colateral grande do golpe.

[Inaudível]

**Carlos Gomes:** É que ele ficou um tempo fora.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Então essa diáspora de alunos e professores, de professores foi menos. Foi uma sequela e tanto. O golpe da perseguição. No caso de Moacir, foi logo em 64. Ele foi demitido, preso e foi arquivado.

**Carlos Gomes:** Todos foram.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Mas ficou lá. E quando foi readmitido na UFRN ele pediu transferência para o UFRJ. E Conceição fez concurso lá, foi aposentado. Ele já é falecido, ela não. Eu tive honra e o prazer de ser um dos indicados na entrevista dela no “Memória Viva”, da TV Universitária. Bom, mas eu vou querer finalizar. Eu, Patrícia, não é por causa de nossa conversa não, não houve nem divergência. Foi tão falada essa história de Onofre, que eu quero falar aqui um depoimento. Ninguém puramente santo, ninguém puramente... o professor Onofre, ele era um homem muito determinado, essa Universidade deve muito a ele, por causa da obstinação dele. É um homem com viés autoritário, mas não é um autoritário policial. Um autoritário, não é à toa que ele dirigia e era professor do hospital. E ele era rígido e justo. Aí foi diretor da Faculdade de Medicina. Então ele era zeloso da Faculdade de Medicina e depois reitor. A Faculdade era estadual e depois se federalizou, então aquilo era o sonho dele. E ele fazia concessões num golpe. Quem sou eu para dizer que ele deveria ter renunciado? Ele fez muitas concessões, não foi Geraldo? Agora, na realidade, o governo determinou limites. Então ele ajudou professores e estudantes até onde ele pôde. Certo? Quando Geraldo começou a falar, eu pensei que ele tivesse falado: “Geraldo, não dar certo não”. Mas foi diferente. Ele tinha realmente uma

dignidade, ele ajudou mais do que... agora ele tinha... ele era um homem de caráter libado. Era muito solidário. E fez concessões. Uma das concessões foi designar Genário da Fonseca como presidente da Comissão de inquérito, a segunda foi, isso é um julgamento pessoal meu, que eu observei na época. Foi concordar que Genário fosse o sucessor dele. Estou fazendo um julgamento aqui, pois acho que sucessor dele não seria Genário. Pelo o que eu conheço dele não seria Genário.

**Carlos Gomes:** Ali foi uma imposição.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Foi a maior concessão que ele fez. E que eu acho que fez um grande mal à Universidade. Não é um erro, mas uma das maiores concessões que ele fez. O perfil do homem era esse, um homem com suas virtudes e seus defeitos. Mas na minha opinião, se não fosse ele nosso reitor, com todo respeito que ele tinha em todos níveis, a nossa Universidade teria sofrido muito mais. Alunos e professores.

**Carlos Gomes:** É porque ele pegou, era estadual para a federalização. Então ali era uma luta muito grande.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Uma luta grande. E ele teve muita dificuldade.

**José Antônio Spinelli:** Quem pôs o nome de Genário? Foi Dinarti, veio de cima, do governo militar?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Ninguém sabe de nada.

**Geraldo Queiroz:** Quem indicou o nome de Genário? Não pensei que fosse o de doutro Onofre.

**Carlos Gomes:** Genário deve ter se insinuado. Uma das coisas que eu acho que deveria se resgatar é a questão de Genário ser considerado o fundador da Universidade, quando na verdade ele foi aluno da Universidade.

**José Antônio Spinelli:** Mas deve-se saber quem apadrinhou.

**Carlos Gomes:** Não está certo dizer que ele foi o fundador dos docentes da Universidade, quando ele foi aluno daqui. Como é que pode? Uma pessoa que estudou aqui ter sido fundador? As concessões chegaram a esse ponto, não é? De passar a mão

ou aceitar certas indicações. Que não são verdadeiras. Já morreu, não tem o que fazer. Foi uma passagem infeliz.

[Inaudível]

**Carlos Gomes:** É possivelmente que ele tenha ido ali mais como olheiro. Para isso Onofre tinha que ter forças para não se submeter às condições, para isso ele tinha poder.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Ao se juntar a pressão do regime também tinha a partidária.

**Carlos Gomes:** Tinha. E eu conheço muitos fatos que não cabem aqui. Em que ele está confabulando com uma pessoa e de repente passar um general e ele de repente é... não sei o quer...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Essas eram as minhas considerações.

**Almir Bueno:** Terminou?

**Carlos Gomes:** As considerações aí, vamos lá. Na verdade, você, em vários depoimentos que ocorreram aqui você atizou muito e mostrou, na época você fazia parte, então você aqui está ratificando os detalhes. Mas seu depoimento não ficou só nisso aqui não, você tem várias intervenções.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** É, tenho.

**Almir Bueno:** É um pouco nisso que eu gostaria de deixar registrado aqui na Comissão que eu tenho aprendido muito com doutor Ivis e com todos que aqui já passaram, mas claro que, como doutor Ivis, como membro da Comissão, tenho aprendido muito. Até de reviver como estudante um pouco do movimento estudantil. Eu sou de uma geração de 1960 e eu militava em São Paulo, no movimento estudantil universitário e que as coisas, tanto lá, quanto cá do movimento estudantil, das tendências políticas, partidárias, elas tinham suas nuances e aí é justamente isso que eu queria enfatizar, é porque ficou um pouco assim, aqui e ali na Comissão aquela ideia que o pessoal de humanas é um pessoal mais subversivo, e o pessoal das tecnológicas ou da saúde é menos. A geração atual tem um pouco essa ideia. E com o depoimento de doutor Ivis e outros médicos que vieram aqui, eu também lembro de que na época em que eu militava no movimento estudantil, em São Paulo, em meados dos anos 70... é... a Faculdade de Medicina da



Universidade de São Paulo era uma das que era mais mobilizadas. E que tinha muita militância inclusive boa parte das assembleias eram feitas ali na Avenida doutor Arnaldo. Então ficam meio cristalizadas essas ideias que umas áreas são mais, tem um espírito mais crítico, não é? Mas não bem assim.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Eu acho que hoje é assim.

**Almir Bueno:** É. Hoje. Mas mesmo na área de humanas, hoje essa consciência, essa militância, é sempre um pouco menor, os tempos são outros, não é? Mas a gente falava semana passada e na área de Medicina boa parte do pessoal que militava era da área da saúde pública. O pessoal ligado ao sanitarismo. Talvez uma proximidade com essas questões do povo.

**Carlos Gomes:** Era pior do que hoje, não sei.

**Almir Bueno:** É. E o senhor já como professor da Universidade, como foi essa relação?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** É mais ou menos aquilo que Geraldo falou, não é? Havia uma repressão velada. Nós tínhamos a autocensura. E uma atitude defensiva totalmente justificável, porque não tinha sentido nenhum. Mas nós tivemos aqui nessa Comissão, eu acho, um dos pontos importantes, já vários exemplos de vetos, de ameaças veladas, de certos sustos que se dava. E Geraldo deu um testemunho hoje, graças ao reitor na época, eles três conseguiram ser professores. Porque ele mandou chamá-los. Que ele não era homem de fazer média com ninguém. Mandou chamá-los porque para ele houve alguma coisa. Chegou um veto sutil.

**Geraldo Queiroz:** Era um veto escancarado, era uma pasta militar.

**Carlos Gomes:** Os discursos de colação de grau aqui eram todos fiscalizados. Tinha uma história de saber o que o orador ia falar. Tudo isso. Tranquilamente uma repressão.

[Inaudível]

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Eu gostaria de concluir aqui, citando um episódio que é cômico e fiquei na dúvida se eu falei para alguém em *off* ou contei publicamente aqui. Mas eu acho que foi em *off*. O ministro da Educação veio, acho que era Jarbas Passarinho, veio a Natal e foi à inauguração do Hospital de Pediatria atrás da Maternidade Januário Cicco. E o professor Leide pediu para nós irmos todos. Ai vinha

Onofre com aquele andar dele e Jarbas, aí ele parou e segurou no botão da minha camisa que era um gesto assim. Aí Jarbas também parou. Aí ele segurou no botão da camisa e falou assim: “este aqui era o ‘comunistão’”. A expressão que ele usou.

**Carlos Gomes:** [risos].

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Este aqui era o “comunistão”, mas eu já o tomei. Ai eles deram uma risada e saíram. Eu disse: eu era o único absorvido. Risos. Quer dizer, isso era uma coisa típica dele.

[Inaudível]

**Ângela Ferreira:** A gestão extremamente autoritária, vocês como docentes, principalmente nessa década de 70 com o movimento estudantil e aí a Medicina retomou seu papel, não é? Fundou o diretório acadêmico de saúde, muitos estudantes de Medicina estruturaram o movimento estudantil ali na área da saúde. E ainda era num momento muito difícil ali na Faculdade de Medicina. E a Maternidade se destacava como uma das piores. Como você se sentia, e aí só fazendo um depoimento testemunho, como social-democrata como você se intitula, e isso aí eu pude testemunhar como profissional de saúde, também como aluna que fez movimento estudantil na área da saúde, a gente não tinha centros acadêmicos, a gente tinha o DA de saúde. Mas o pessoal de Medicina era o mais atuante. Então a gente sempre encontrou um aliado, porque é interessante que naquela época, pelo menos na Odontologia, os nossos docentes eram quase nossos inimigos, nossos adversários. Tanto que minha turma não homenageou nenhum docente. Porque era uma forma de protesto, porque achávamos que eles eram adversários mesmo. E era uma faculdade muito difícil. E já foi citado aqui, que um professor passava informações. Doutor Pipolo, acho que ele ainda está vivo. Seria interessante que ele viesse, mas ele vai negar tudo com certeza. Como você se situou aí?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Veja, não sei se você conversou muito com seu pai sobre esse período nosso, mas acho que... o professor Leide Morais, que era o chefe do departamento diretor da Maternidade. Eu o sucedi na direção da Maternidade. Ele era um disciplinador. Então ele zelava muito pela disciplina, que era fundamental num hospital e tal. Mas ele era muito democrático, ele não era, Geraldo o conheceu, não era de direita, sofreu uma influencia muito grande, no sentido político de

Leon, um democrata, eu, Adelmario. E ele convivia muito bem com isso. Ele não era de direita, ele era um gestor democrático do hospital. Que eu acho que foi muito importante. Eu fui seu sucessor, mudou o perfil, mas a disciplina se manteve do mesmo jeito. Então se criou.

**Ângela Ferreira:** Os alunos tinham pavor!

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** É... talvez que fosse vagabundo não queria. Porque exige plantão, é uma especialidade de urgência.

**Geraldo Queiroz:** Eu vou fazer uma interferência aqui só para colocar uma observação muito pessoal.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Geraldo foi reitor com ele diretor.

**Geraldo Queiroz:** Não. Eu vou colocar uma observação muito pessoal. Acerca de duas unidades. A Faculdade de Odontologia e a Maternidade, uma análise que eu faço de uma forma muito pessoal. A partir da estrutura centro que se estabeleceu dentro da Universidade. Nós tínhamos grandes faculdades aqui em Natal, Faculdade de Medicina, a Faculdade de Direito, Faculdade de Educação e quando houve a vinda dessas faculdades para o campus e se estabeleceu a estrutura centrica, houve um retraimento, houve uma diminuição, não era da importância, nas condições dos cursos, os cursos se estabeleceram em departamentos antes. Eu acho que, tanto Odontologia como a Maternidade, por conta dessas características que Ivis colocou, ficaram isoladas em suas células e foram as únicas que resistiram a essa fragmentação que houve dos cursos. Não sei se vocês percebem.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Eu acho que preservaram também a qualidade. Preservaram de fato a qualidade, eu acho que houve esse fato positivo. Elas preservaram essa qualidade que já existia, tanto na Maternidade quanto na Faculdade de Odontologia. E os cursos que vieram para cá foram se recompor depois de muito tempo. A própria Faculdade de Educação que era enorme e se transformou em departamento de Educação sofreu muito. Recuperou-se e hoje é um centro da Universidade. Mas de qualquer forma houve esse impacto muito grande nesses cursos existentes. A Faculdade de Serviço Social que também se recompôs, mas depois de muito tempo. Aí eu acho que esse dado positivo tanto da Maternidade quanto de Odontologia.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** O sentido que falo é na questão da disciplina. Que é fundamental no serviço de saúde. Aí você sabe, a juventude é meio rebelde e tal. Mas dentro do departamento o clima era excelente. Era uma família. Se você chegou a falar com seu pai isso...

**Ângela Ferreira:** Eu estou falando na visão dos estudantes.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Sim. É natural.

**Carlos Gomes:** Essa vinda dos cursos para o campus foi proposital, ela começou a quebra, aliás, o professor Edgar Barbosa entrava aqui irritado. Porque realmente se você olhar a disposição do campus parece de campo de concentração. É tudo de costa um para o outro, não há uma ligação entre eles. Uma ala parece que não tem nada haver com a outra, é como pavilhões. Isso inclusive foi feito pelo arquiteto que era genro, sobrinho de Jarbas Passarinho. Então ele não olhou o que era ventilação, nada. Ele se irritava, ele dizia que parecia um campo de concentração.

**Ângela Ferreira:** Professor Ivis, não havia ninguém com coragem de fazer uma fala lá Maternidade. Assim, em época de campanha estudantil era sempre muito temeroso ir à Maternidade fazer uma campanha, uma fala. Existia um temor enorme.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Confesso que não sabia desse temor.

**Carlos Gomes:** Bom, minha gente, há uma coisa aqui que eu queria. Professor Ivis tem mais alguma consideração?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Não. Só isso aí.

**Carlos Gomes:** Eu estou preocupado porque nós estamos chegando ao meio do ano, não é? Eu havia no início feito uma divisão aqui, cheguei até falar para vocês. Para a gente começar a escrever alguma coisa. Eu vou repetir, porque o que era de Justina Iva, o professor Spinelli poderia ficar. Eu tinha encarregado Justina de escrever o período de exceção na UFRN. A gente já começar a fazer nosso relatório. Ivis seria a ação estudantil no período militar. O representante do DCE, a participação dos diretórios e centros dos cursos da Universidade no período de repressão, professora Ângela, movimento sindical no tempo da ditadura, Moisés, situação do funcionalismo no período de restrições constitucionais. Então cada um dentro da sua área. O professor Almir, eu gostaria que ele falasse, porque ele está fazendo a pesquisa do movimento no

interior, não é? Como ele é professor de História, eu gostaria que ele levantasse a situação dos campi no período militar. Que seria a Universidade fora do contexto da capital. Qualquer outra sugestão. Eu vou fazer a introdução, eu vou começar a falar desde o clima anterior, desde a Revolução de 1930. Porque a coisa não começa em 46? Então de 30, passando por 37, não é? Até chegar a 46 que foi outro período no Brasil.

**Almir Bueno:** Eu tinha até pensado alguma coisa nesse sentido. A fim de apresentar alguma coisa sobre o interior.

**Carlos Gomes:** O professor Spinelli vai falar sobre o período de repressão dentro da Universidade. Você vai falar do contexto histórico, o que contribuiu para eclodir esses movimentos. Porque depois que se instalou a República no Brasil começou aquele problema de São Paulo, a Revolução Constitucionalista. Seria interessante falar, pôr o Brasil no contexto. Porque esse trabalho que nós vamos fazer pode até ser transformado em livro. Para justificar o porquê das coisas. Quando eu leio certos estudos de filosofia, eu vou para a biografia das pessoas. Ajuda demais. Eu escreveria: será que Hobbes teria escrito outra obra que não o *Leviatã*? Não. Porque vivendo o que ele vivia só podia pensar em segurança. Então, é bom a gente saber desse contexto, porque o militar entrou nessa, achou que deveria modificar. O que eu recebo já dá para escrever muita coisa. O que eu sinto é que há um movimento velado querendo que volte alguma coisa. A gente pode ter diferença ideológica e tudo, mas o que eu recebo sobre a presidente da república, no mínimo, é uma falta de respeito. A gente sente que querem construir um clima. Então temos que ter muito cuidado.

**Kadma Maia:** Então, os trabalhos dos meninos no Arquivo Geral da UFRN já foram concluídos. Nós temos muito material, além desse material, aquele colhido junto à Fundação José Augusto e também os depoimentos que já estão sendo transcritos. Já vamos fazer análises de documentações referentes à ASI. Que vai dar subsídio a tudo que vai ser escrito.

**Carlos Gomes:** Já podemos constatar que houve repressão dentro da Universidade, não houve aquilo que a lei traz violação aos direitos humanos. Eu estou ansioso porque em algum momento nós vamos nos transformar em tribunal, nós vamos julgar dois casos. O caso de Rinaldo Barros e o caso de Alberto Lima. Então é preciso que as perguntas que será feitas na próxima reunião sejam bem pertinentes para forrar mais essa história.

**Kadma Maia:** Então a nossa proposta é até a próxima reunião nós já termos visto e estudado todo material da ASI. Porque tem muita coisa sobre Diógenes. E no contato que eu tive com ele, ele disse que tem muita coisa para falar.

**Carlos Gomes:** Eu sei que o professor Genivaldo foi mais assim para terminar o mandato dele em paz.

**Kadma Maia:** Num dos materiais que as meninas pegaram tem um caso de um aluno que foi expulso da residência universitária em 85 porque tinha ideias, ele era homossexual e era militante assumido.

**Carlos Gomes:** Terá saído por qual motivo? Quem era o reitor na época?

**Kadma Maia:** Então, foi em 85. Genivaldo. Eu sei que o aluno era de jornalismo, entrou em 81 e saiu em 85. Ele vai levantar para sabermos se tem alguma coisa de caráter político.

**Carlos Gomes:** Eu até vou entrar em contato com Daladier sobre uma comissão de juristas para julgar casos de servidores e é interessante que ele fale sobre isso. Ele criou essa comissão para rever algumas questões. E listar os presidentes da Adurn. E foi Dorinha que deu o nome de Crutaque na administração de Onofre. Maria Lali requereu integração.

**Juan de Assis Almeida:** Não, professor, porque nesse caso esse aluno que foi expulso por ser homossexual, essa briga foi parar na Justiça Federal e o Juiz José Augusto Delgado, que era professor aqui da Universidade, aprovou a expulsão do aluno.

**Carlos Gomes:** É... deve ter havido alguma coisa, se isso não trouxer subsídios para a gente não falamos, pois é algo constrangedor. Agora uma coisa, Juan, é interessante depois ver a história de Lurdinha, porque com a revelação que Carlos Augusto foi membro da ASI, Lurdinha deve saber muita coisa. Porque para eu era um fato que eu ignorava totalmente. Eu o tinha como um liberal, todos os estudantes o adoravam, amigo do estudante.

**José Antônio Spinelli:** Eu estou preocupado aqui com essa elaboração desse relatório. É necessário saber o que contém nos documentos, pois não podemos inventar algo. Temos que planejar. Para não escrever sempre relacionando as partes.

**Carlos Gomes:** Nós temos uma sala de reuniões. É lá que nós temos nossos arquivos. Já encerrou? Então eu declaro encerrada a reunião.